



5 JIIC

JORNADA DE INTEGRAÇÃO
E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FACULDADE
CESUSC

GESTÃO DAS FINANÇAS PESSOAIS: UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS ESTUDANTES DA FACULDADE CESUSC

Juliana Tatiane Vital ¹

Leandro Berka ²

Maria Helena Coral Azambuja ³

Matheus Silva Lima ⁴

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da economia capitalista, percebe-se que, progressivamente, as pessoas estão tornando-se mais responsáveis pela sua própria vida financeira. Isso significa um mercado cada vez mais livre, com menos interferência do governo na vida financeira pessoal dos cidadãos. Um exemplo recente refere-se às tentativas de reforma da previdência que diminuem o papel do estado na aposentadoria das pessoas, colocando-o como o responsável pelo planejamento da sua vida em idade não produtiva.

Outra característica da economia capitalista interferindo na vida pessoal da população diz respeito ao acesso ao crédito e o desenvolvimento do mercado de capitais, o que exige o desenvolvimento da capacidade de distinguir entre os produtos financeiros disponíveis no mercado.

No Brasil, a expansão do acesso ao crédito pelo consumidor tem sido um importante fator que fez surgir novas oportunidades e novas adversidades, tanto para os indivíduos quanto para o cenário macroeconômico. As novas relações de consumo, impulsionadas pelo acesso ao crédito, ao mesmo tempo que permitiram o alcance de maior parcela da população a bens e serviços que antes não eram considerados em seus orçamentos, apresenta também um conjunto de consequências para o comportamento econômico do consumidor brasileiro com reflexos nos indivíduos e na macroeconomia.

¹Doutora em Administração. Faculdade Cesusc / e-mail drajulianavital@gmail.com.

²Graduando em Marketing. Faculdade Cesusc / e-mail lsberka@gmail.com.

³Graduanda em Administração. Faculdade Cesusc / e-mail mariahelenacoral@gmail.com.

⁴Graduando em Administração. Faculdade Cesusc / e-mail matheusllima1@gmail.com.

De acordo com a Confederação Nacional de Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2017), por meio da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), em março de 2017 57,9% das famílias brasileiras possuíam algum tipo de dívida e 23,7% estavam inadimplentes. A pesquisa mostrou também que 9,9% das famílias disseram que não terão como pagar as dívidas e que, portanto, permanecerão inadimplentes. Segundo a CNC, este é o maior patamar do indicador desde janeiro de 2010, quando estava em 10,2%. Também houve leve aumento na proporção de famílias que se declararam muito endividadas: de fevereiro para março, o percentual subiu de 14% para 14,2% do total de famílias.

Depois disso, temos uma parcela da população (não quantificada nas pesquisas) que não estão inadimplentes ou até mesmo não possuem dívidas, porém, não são poupadores. São os indivíduos que gastam o mesmo que ganham e não se preparam para o futuro.

E, por fim, temos a terceira parcela da população (também não quantificada) que representa o grupo dos formadores de poupança.

Cada um dos grupos deve receber informações específicas de finanças pessoais. Para o primeiro, o tema crédito e endividamento é essencial. No caso do segundo grupo, temas como planejamento, elaboração de projetos, seguros, entre outros, ganham ênfase. E para o terceiro, conhecimentos como investimentos e diferenças entre os produtos financeiros, são importantes.

Assim, o tema de finanças pessoais representa um conhecimento necessário para todas as pessoas e famílias. Isso porque, em maior ou menor grau, todos no decorrer da vida, deparam-se com a gestão de suas finanças, escolhas sobre seus projetos de vida, entre outros.

As finanças pessoais estão longe de se tornar um tema puramente financeiro. Ela interfere em inúmeros outros aspectos da nossa vida. Em 2016 o Valor Econômico publicou uma matéria intitulada: “Se você não tem sorte no amor, a culpa pode ser da dívida acumulada no cartão”, onde apresenta uma pesquisa que mostra que quase metade dos americanos, ou 49% deles, considera dívidas no cartão de crédito um fator desestimulante num parceiro em potencial. Outra intitulada “Por que as festas de Natal e fim de ano nos deixam tão estúpidos?” mostra que quase quatro entre cada dez pessoas afirmam gastar mais dinheiro que o esperado com presentes de Natal, sugerindo um vazio existencial. A matéria intitulada “Mesada não é presente nem prêmios por boas notas”

mostra o tema sob o prisma da educação infantil ou “Quanto custa criar um filho até a maioridade?” nos faz pensar sobre um planejamento familiar dos mais importantes: conceber ou não a vida.

Outros debates têm sido feitos acerca do tema finanças pessoais: inadimplência e depressão, causados por ansiedade, insegurança. Do lado oposto, finanças e felicidade também é um assunto popularmente conhecido e ganha cada vez mais a atenção da ciência. Em se tratando de responsabilidade ambiental, o tema sobre consumo consciente ganha força e tem o seu respaldo dentro das finanças pessoais.

Segundo a 4ª edição do Indicador de Educação Financeira (INDEF, 2017) da Serasa Experian, na escala de 0 a 10, a nota média da população ficou em 6,2, a mesma identificada no índice anterior - realizado em 2015. Para chegar no resultado final, o único indicador do país a ter uma metodologia para conhecer e acompanhar a educação financeira, considera os três subíndices: Conhecimento, Atitude e Comportamento.

Educação financeira deve ser recebida desde a infância até a vida adulta. Recentemente no Brasil foi divulgada a informação que agora ela é obrigatória nas Escolas do país. A 1ª Pesquisa Nacional de Educação Financeira nas Escolas revelou, recentemente, números que comprovam as mudanças na vida das famílias em que os filhos tiveram acesso a esse tipo de informação. A pesquisa foi realizada em parceria entre o Instituto Axxus, o Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) do Instituto de Economia da UNICAMP e a Abefin (Associação Brasileira dos Educadores Financeiros) e mostrou significativa diferença nas respostas dos pais de alunos que estudam em escolas que adotam educação financeira e a outra metade, pais de alunos que estudam em escolas que não adotam a educação financeira. Porém, e os filhos? O que absorveram e levaram para a vida a partir dessa formação?

Espera-se que a criança, ao ter acesso a informações do sistema financeiro, juros, inflação, investimento etc., adentre a vida adulta mais consciente de suas escolhas e um indivíduo mais saudável, financeiramente falando.

Com base nesse contexto, o objetivo desse artigo é analisar a educação financeira dos estudantes de graduação da Faculdade Cesusc.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A conceituação aparece como fator de primordial importância quando se fala em educação financeira. Isso porque além das diferentes correntes de pensamento existentes, há considerável confusão na mente da população em geral, já que há quem pense que educação financeira se confunde com a busca por riqueza e fortuna (MODERNELL, 2011).

Segundo documento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2005), em 2003, identificou que a maioria de seus países membros reconhecia a importância da educação financeira e, diante disso, estruturou o “OECD Financial Education Project”, cujo objetivo seria providenciar alternativas ou formas de se melhorar a educação financeira. Esse objetivo seria alcançado por meio do estudo das iniciativas de educação financeira nos países membros e em alguns não membros selecionados e posterior elaboração de cartilhas e livros de recomendação para ajudar na implementação de programas de educação financeira.

A OCDE (2005) defende que a importância da educação financeira aumentou nos últimos anos devido tanto ao desenvolvimento dos mercados financeiros quanto às mudanças demográficas, econômicas e políticas verificadas ao redor do globo: os mercados financeiros, que oferecem cada vez mais alternativas de crédito e instrumentos de poupança, tanto por meio dos bancos quanto por meio das cooperativas de crédito, exigem cada vez mais conhecimento por parte dos consumidores; com a realização de mudanças nos planos de pensão e aposentadoria complementar, fica cada vez mais nas mãos dos cidadãos a responsabilidade pelo seu bem estar financeiro; e com o aumento da expectativa de vida, os indivíduos precisam assegurar que terão as condições necessárias para manter-se por mais tempo. Dessa forma, segundo a OCDE:

A educação financeira é o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua:

compreensão sobre conceitos e produtos financeiros e, por meio de informação, instrução e orientação objetiva, desenvolvem habilidades e adquirem confiança para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos financeiros, para fazerem escolhas bem informadas e saberem onde procurar ajuda ao adotarem outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar e a sua proteção. (OCDE, 2005, p.13, tradução).

Pode-se verificar, a partir do conceito explicitado acima, que a educação financeira está intimamente ligada ao bem estar individual, já que auxilia na formação de

cidadãos mais conscientes e mais preparados para tomar decisões importantes em suas vidas.

2.2 PLANEJAMENTO FINANCEIRO

Segundo Ross, Westerfield e Jaffe (1995, p. 525) “O planejamento financeiro formaliza o método pelo qual as metas financeiras devem ser alcançadas”. Para Mosimann e Fisch (1999, p. 44) “O planejamento, em um sentido mais restrito, é o processo que envolve avaliação e tomada de decisão em cenários prováveis, visando definir um plano para atingir uma situação futura desejada”.

De acordo com os autores, é possível perceber que o planejamento engloba questões como planos de longo e curto prazo, onde por meio de metas se alcança os planos e para isso é necessário ter controle para segui-las. Para Gitman e Madura (2003) o processo do planejamento financeiro, se inicia com planos financeiros ou estratégicos de longo prazo, que variam de dois a dez anos, onde esses irão orientar a criação de planos e orçamentos de curto prazo, que abrangem um período de um a dois anos. Segundo Ross, Westerfield e Jaffe (1995, p. 526) “Os planos financeiros sempre envolvem conjuntos alternativos de hipóteses”. É necessário obter esses conjuntos para futuros imprevistos, tanto para melhor quanto para pior, para assim ao concretizar outra hipótese que não seja a pretendida, ter planos já estabelecidos e um novo planejamento para seguir.

Para alcançar o objetivo, é necessário ter um controle. Schermerhorn (2007, p. 178) define controle como “um processo para medir o desempenho e executar uma ação que assegure os resultados desejados.” No caso, o controle é quem vai dizer se o caminho seguido está correto, se é preciso ajustes, melhorias ou pode até mostrar que o que estamos fazendo não ajudará em nada na conquista do nosso objetivo, e caso aconteça isso, é necessário novos planos.

2.2.1 Planejamento financeiro pessoal

Cada vez mais o planejamento financeiro pessoal está fazendo parte da vida das pessoas, hoje é obrigatória a inclusão de educação financeira na Base Nacional Comum Curricular para que os indivíduos tenham conhecimento e compreensão dos conceitos e produtos

financeiros, para que no futuro possam realizar um planejamento e ter controle de suas finanças.

De acordo com CHEROBIM; ESPEJO (2010) o planejamento financeiro pessoal está relacionado com o objetivo de vida de cada indivíduo, a partir dele se inicia o planejamento estratégico pessoal e é definido o que quer ser ou ter daqui a um, cinco, dez anos ou para o resto da vida. Para Frankenberg (1999, p. 31) o conceito de planejamento financeiro é:

Estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família. Essa estratégia pode estar voltada para curto, médio ou longo prazo, e não é tarefa simples.

Rocha; Vergili (2007, p. 06) definem curto prazo como “tudo aquilo que você deseja comprar nesta semana, mês ou até mesmo neste ano.” E longo prazo “aqueles que levarão pelo menos mais de um ano para serem concretizados”

Ao determinar os objetivos, definir o planejamento e estabelecer os planos, o segundo passo é começar a poupar e assim que sobrar dinheiro investir.

Para poupar há duas maneiras, uma é cortar gastos, como diminuir o valor do plano de celular e economizar realizando um consumo consciente. De acordo com Bauma (2008 p. 76) “consumo é um investimento em tudo que serve para o valor social e a autoestima do indivíduo” o consumo foi instituído a partir do sistema capitalista que nos instiga a comprar sempre mais para estarmos de acordo com a sociedade, compramos por impulso, por ansiedade, por insegurança e normalmente sem ter a consciência disso. Em excesso pode causar endividamento e muitas preocupações.

Um consumo consciente de acordo com Toni, Larentis e Matias (2012, p. 116) “é um modo de vida que valoriza a responsabilidade ambiental como forma de preservar e manter um meio social com maior qualidade de vida.” Assim, além de conservar seu capital, estará beneficiando a sociedade como um todo.

2.2.2 Endividamento

De acordo com Silva, Souza e Fajan (2015, p. 3) “quando uma pessoa pega emprestado recursos financeiros para adquirir algum bem, ele está se endividando. O excesso de dívidas pode levar o consumidor à situação de inadimplência, que é quando não se consegue pagar um compromisso financeiro até a data de seu vencimento.” Estar

endividado ou inadimplente só é possível por termos acesso ao crédito. Segundo Rocha; Vergili (2007) crédito é a relação entre dois agentes, um que empresta o dinheiro e o outro que recebe, originando um acordo de empréstimo.

Há diversas modalidades de crédito, e cada uma delas apresenta diferentes prazos, amortizações e taxa de juros, que se embasam nos riscos que o agente financeiro terá e nas garantias que o tomador do empréstimo apresentará (Rocha; Vergili, 2007). As principais modalidades de crédito hoje são: cartão de crédito; cheque especial; crédito pessoal; crédito direto ao consumidor; crédito imobiliário e crédito consignado.

O crédito pode ser uma mina de ouro para quem o concede, mas pode se tornar um pesadelo para quem o utiliza, já que muitos chegam a comprometer quase a totalidade de sua renda, chegando a um nível de endividamento tão grave que pode pôr em risco até sua própria subsistência. (Silva, Souza e Fajan, 2015, p. 4)

2.2.3 Investimento

Após realizar um planejamento financeiro, começar a ter um controle sobre suas rendas e gastos, ter um consumo mais consciente para conseguir poupar dinheiro, chegou a hora de investir para que se possa obter um rendimento sobre o seu próprio dinheiro.

Começar a investir é uma decisão difícil e complicada, pois após a decisão tomada, acompanha um período complicado pelo fato de ter que se disciplinar para guardar parte dos seus rendimentos mensais.

Cerbasi (2014, p. 109) afirma que poupar não é agradável, pois o "o ato de poupar não é, definitivamente, recompensador."

Para começar é necessário que se tenha um objetivo, com isso se determina um plano de tempo e metas a serem alcançadas. Um plano de investimento pode ser grandioso, mas traçar metas menores no caminho é fundamental para atingir o sucesso.

Para Cerbasi (2014, p. 107) "investir com sabedoria exige um bom tempo de envolvimento e aprendizado."

Existem duas classificações de investimentos financeiros, são as aplicações em renda fixa e aplicações em renda variável.

Na renda fixa as regras estabelecidas para o rendimento são definidas no momento da aplicação, ela ainda pode ter taxa pré-fixada que é quando já se sabe a taxa que irá receber durante o período em que o dinheiro estiver aplicado e taxa pós-fixada, nesta

modalidade a taxa de rendimento está vinculada a algum índice, como IPCA e CDI. (Cerbasi, 2008).

Segundo Almeida e Cunha (2017, p. 27):

O mercado de renda fixa é composto por ativos em que a remuneração pode ser dimensionada no momento da aplicação. Isso significa que o investidor sabe no momento da aplicação qual será o seu rendimento, seja em valor nominal ou pela variação de um indexador. Os investimentos de renda fixa podem ser diferenciados por alguns critérios, como o tipo de emissor, a forma de rentabilidade do título, seu prazo e valor mínimo de investimento inicial.

São exemplos de renda fixa: Poupança; Títulos Públicos; CDBs (Certificados de Depósito Bancário); Debêntures, entre outros.

Já na renda variável, o rendimento (lucro) se determina em função da diferença entre o preço de compra e venda, mais benefícios (que seriam os dividendos para as ações). A nomenclatura de "renda variável" está relacionada a dúvida de quanto irá se ganhar, ou até perder, nesse tipo de investimento (Cerbasi, 2008).

Para Almeida e Cunha (2017, p. 27):

A Renda Variável é um tipo de investimento cuja remuneração e a forma de cálculo não são conhecidas pelo investidor no momento da aplicação. Pela incerteza de remuneração, portanto, esses ativos são recomendados para pessoas com um perfil mais arrojado, uma vez que o investimento é bem mais arriscado que as opções de renda fixa.

Podemos citar como exemplos de renda variável as ações, derivativos, commodities, câmbio e fundo de renda variável.

2.3.4 Economia comportamental

As teorias tradicionais de finanças têm como sua base a racionalidade dos agentes, onde estes atualizam as suas crenças no momento em que recebem uma nova informação, essa hipótese de que os preços atuais são representações dos valores fundamentais de um determinado bem é conhecida como Hipótese de Mercados Eficientes, apresentada por Fama (1970). Tal hipótese, no entanto, não considerava os fatores psicológicos que envolviam a tomada de decisão desses agentes.

Com o decorrer das últimas décadas alguns eventos não podiam ser mais explicados pela hipótese de mercados eficientes, visto que essa considerava todos os agentes racionais e com capacidade de interpretar de maneira excelente todas as informações, não sendo esse o padrão de todos e nem da maioria dos agentes. Para suprir essa lacuna passou-se então adotar também a teoria das finanças comportamentais. Onde o agente não

tem uma racionalidade ilimitada e considera limites a arbitragem descrita no trabalho de Fama.

Para entender como funcionava a tomada de decisão desses agentes passou a se pesquisar quais fatores psicológicos e sociais interferiam nas tomadas de decisão.

De acordo com Kahneman e Tversky (1979), a teoria da utilidade esperada hoje dominante não incorpora elementos próprios da natureza humana que podem resultar em decisões errôneas. Sendo proposto por eles 3 efeitos que influenciam na tomada de decisão:

- a. Efeito Certeza: As pessoas escolhem conforme o risco de uma situação ocorrer.
- b. Efeito Reflexão/Aversão a Perdas: tendem a aversão ao risco no que se refere a duas situações de ganho e em uma situação de perda se tornam tomadores de risco.
- c. Efeito Isolamento: desconsideram características das opções e centralizam nas características que diferem as opções.

Segundo Kotler e Keller (2006) as decisões financeiras são influenciadas por características pessoais, como idade e estágio no ciclo de vida, ocupação, circunstâncias econômicas, personalidade, autoimagem, estilo de vida e valores. Tais valores ainda mudam conforme se vive uma situação diferente por exemplo a chegada de filhos ou casamento. Segundo Gianetti o ciclo de vida afeta, ao lado de outros fatores, nossa percepção do tempo e a tônica dominante das escolhas intertemporais que fazemos.

Determinados alguns dos fatores importantes na hora de uma decisão é importante a análise de uma interferência da educação e das experiências de vida sobre o comportamento financeiro dos agentes ou se estes são intrínsecos aos indivíduos.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Tendo como objetivo analisar a educação financeira dos estudantes de graduação da Faculdade Cesusc, essa pesquisa de caráter descritivo coletou dados por meio de um questionário entre os dias 05 de setembro de 2018 a 05 de outubro de 2018. Os respondentes foram alunos de graduação da Faculdade Cesusc de Florianópolis/SC. Os estudantes pertencem aos cursos de Direito, Administração, Marketing, Psicologia, Design de Interiores, Análise e desenvolvimento de Sistemas e Produção Multimídia. Ao todo foram obtidas 77 respostas.

O questionário foi elaborado no Google Formulários e enviado por e-mail. As respostas foram exportadas para a Planilha de Excel e analisadas utilizando a ferramenta de tabelas dinâmicas.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Dos 77 respondentes, 28,7% eram do curso de Administração, 19,48% do curso de Análise e Desenvolvimento de sistemas, 9,09% de Design de Interiores, 10,39% do curso de Direito, 10,39% do curso de Gestão Comercial, 14,29% do curso de Marketing e 7,79% do curso de Psicologia. Além disso, 64,94% eram do sexo feminino e 35,06% do sexo masculino.

A maioria dos estudantes tem uma renda familiar de 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.864,01 até R\$ 5.724,00) e trabalham. Dos estudantes que participaram da pesquisa, 38,96% (a maioria) não faz planejamento financeiro e 63,64% não anotam os gastos. Isso significa dizer que parte dos que fazem planejamento financeiro não controlam seus gastos diários. Como consequência, ao serem perguntados sobre a destinação dos seus recursos, 11,69% não faz a menor ideia e 64,94% têm uma vaga ideia. Quase metade dos estudantes (40,26%) já pagam algum tipo de juros atualmente e 48,05% não possuem nenhum tipo de seguro.

Sobre a questão de investimentos, houve uma porcentagem bastante significativa (35,06%) que não fazem nenhum tipo de investimento e 33,77% investem na caderneta de poupança. Além disso, dos que investem, a maioria utiliza os bancos como intermediador das aplicações. 16,88% deles investem em corretoras de valores.

No quesito consumo, 67,53% dizem que sempre avaliam bem o consumo, para saber se o que está adquirindo é realmente necessário e maioria (58,44%) pedem desconto sendo que para 51,95% dos entrevistados, eles pagam a vista somente com 10% de desconto ou mais.

Sobre o incentivo para lidar com seu próprio dinheiro, 33,77% dos estudantes relatam que nunca tiveram nenhum, 55,84% receberam em casa e 10,39% somente na escola.

Perguntados sobre a aposentadoria, 66,23% dizem que pensam sobre isso mas ainda não fazem nada a respeito e somente 18,18% deles pensa a longo prazo.

Fazendo alguns cruzamentos de dados, constata-se que os alunos que não receberam nenhum tipo de educação financeira apresentam 31% de pessoas que não realizam planejamento financeiro no entanto 58% possuem uma vaga ideia dos seus gastos mensais e 42% possuem uma meta financeira também apresentam 58% dos entrevistados avaliam seu consumo e 54% pedem desconto e 50% pensam na sua aposentadoria no entanto não fazem nada relacionado a isso.

Os entrevistados que receberam conhecimentos sobre educação financeira em casa, dos mesmos 44% não fazem planejamento financeiro e 72% possuem uma vaga ideia dos seus gastos mensais, 47% não fazem investimentos, no entanto 70% avaliam seu consumo e 63% pedem desconto. 79% pensam na aposentadoria, no entanto não fazem nada relaciona a isso no momento.

Dos alunos que receberam educação financeira na escola e em casa, 50% desses sabem exatamente seus gastos mensais, 38% não investem e 38% não possui uma meta financeira, 88% avaliam seu consumo, no entanto apenas 50% pedem desconto, 88% possuem algum tipo de seguro e 50% pensam em sua aposentadoria no entanto não fazem nada no momento.

O que podemos observar conforme o aumento do conhecimento financeiro os entrevistados apresentam melhores níveis de planejamento financeiro. Foi possível observar que conforme o aumento da renda familiar o percentual de pessoas que fazem um planejamento financeiro diminui drasticamente chegando a apenas 40% nas rendas familiares entre 15 a 30 salários mínimos. Tal fenômeno, no entanto, não é observado em relação a anotar os gastos mensais.

Em relação a avaliar o consumo se pode observar uma diminuição dos percentuais entre as faixas de renda 1 a 5 no entanto tal percentual volta a aumentar nas rendas mais altas.

Dos entrevistados em nenhuma faixa de renda o número de pessoas que pagam juros ultrapassa 50%

Dentro da preocupação em relação a aposentadoria apenas as faixas de renda 2 e 3 apresentaram respondentes que possuem uma poupança destinada a esse objetivo sendo respectivamente 8% e 10% (percentual referente aos respondentes dessas faixas de renda).

Em relação a fazer um planejamento financeiro o percentual aumenta junto a renda, porém ocorre uma leve diminuição na faixa de renda pessoal entre 6 e 9 salários

mínimos. A reocupação em anotar os gastos financeiros é inversamente proporcional ao salário. Em as faixas de renda o percentual de pessoas que não tinham nenhuma ideia de seus gastos mensais não ultrapassou 10%.

Os percentuais referentes a avaliar o seu consumo apresentaram queda gradual conforme o crescimento da renda pessoal.

Ocorreu uma diminuição do percentual de pessoas que possuem uma poupança voltada para sua aposentadoria.

Ao analisar os resultados da pesquisa em relação ao sexo, verifica-se que os homens realizam mais do que as mulheres um planejamento financeiro pessoal, tendo uma diferença de 18%. E que as mulheres anotam menos os gastos, sendo 70% das entrevistas contra 52% dos homens. Pode se observar também que em relação aos investimentos, os homens tomam mais iniciativas, tendo apenas 18,52% que não fazem investimentos.

Analisando os dados em relação aos cursos ofertados na faculdade, é possível perceber que os alunos do curso de psicologia são os que mais realizam planejamento financeiro pessoal, sendo 83% dos entrevistados do curso. Todos costumam avaliar o consumo e estão mais propensos a abdicar de algo agora por um benefício no futuro. Mas ao mesmo tempo é o curso que onde há mais alunos que não realizam investimentos, sendo 66,67% deles.

Quando se fala em pensar na aposentadoria e ter uma poupança para ela, 29% dos alunos de 18 a 22 anos, pensam nisso e realizam uma poupança ao contrário dos alunos de 33 anos para cima, todos pensam na aposentadoria mas não fazem nada a respeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo analisar a educação financeira dos estudantes de graduação da Faculdade Cesusc dos cursos de Direito, Administração, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Design de Interiores, Gestão Comercial, Marketing e Psicologia.

Constatou-se que os estudantes, com idade universitária, que participaram da pesquisa, 38,96% (a maioria) não faz planejamento financeiro e 63,64% não anotam os gastos. 11,69% não faz a menor ideia e 64,94% têm uma vaga ideia. Quase metade dos

estudantes (40,26%) já pagam algum tipo de juros atualmente e 48,05% não possuem nenhum tipo de seguro.

Percebeu-se que muitos jovens, quase metade deles, já pagam algum tipo de juro e seus investimentos são bastante limitados à caderneta de poupança (considerada hoje o pior investimento no nosso país).

Entende-se que, se estimulados em casa e na escola, os jovens iniciariam a vida adulta mais conscientes do valor do dinheiro. Ao aceitar somente descontos de 10% ou mais, percebe-se uma deficiência na ideia de valor do dinheiro. Conscientes de suas escolhas, poderíamos perceber uma diminuição no pagamento de juros e um aumento nos investimentos mais rentáveis oferecidos no mercado. Esse conhecimento é fundamental para construção de patrimônio e riqueza, almejado pela grande maioria de nós.

6 BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, André Luís Fernandes de; CUNHA, Daniel Pangrácio Ahouagi. Estudo do mercado brasileiro de renda fixa e o perfil do investidor brasileiro. Rio de Janeiro, p. 27, 2017. Disponível em: <<http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10020143.pdf>>. Acessado em: 07 de abril de 2018, às 14h30.

ANGULO, Marcelo J. Suas finanças.com: os 101 melhores sites para cuidar do seu dinheiro e ajudá-lo a enriquecer. Elsevier: Rio de Janeiro, 2008.

BALMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

Banco Central do Brasil. **Cidadania Financeira**. Disponível em: <https://cidadaniafinanceira.bcb.gov.br/>

CERBASI, Gustavo. Investimentos inteligentes: para conquistar e multiplicar o seu primeiro milhão. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

CERBASI, Gustavo. Adeus, aposentadoria. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

CERBASI, Gustavo P. Casais inteligentes enriquecem juntos. São Paulo: Editora Gente, 2004.

Companhia das letras: São Paulo, 2005.

CHEROBIM, A. P. M. S.; ESPEJO, M. M. dos S. B. (Org.) Finanças Pessoais: Conhecer para enriquecer. São Paulo: Atlas, 2010.

EVANS, Richard Paul. As 5 lições – dinheiro traz felicidade: é mais fácil mudar sua vida e ajudar os outros quando se é rico. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2006.

EWALD, Luis C. Sobrou dinheiro! Lições de economia doméstica. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2008.

FAMA, E. Efficient Capital Markets: a Review of Theory and Empirical Work. *Journal of Finance*, v. 25, p. 383-417, 1970.

FERREIRA, Vera R. de M. Psicologia econômica: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FRANKENBERG, Louis. Seu futuro financeiro Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

GIANETTI, Eduardo. O Valor do amanhã: ensaio sobre a natureza dos juros.

GITMAN, L. J.; MADURA, J. Administração financeira. Uma abordagem gerencial. São Paulo: Pearson, 2003.

JUNIOR, William E.; GARCIA, Fábio G. Como fazer o orçamento familiar. Série Sucesso Profissional. São Paulo: Publifolha, 2004.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Judgment under uncertainty: heuristics and biases. *Science*, v. 185 n. 4157, Sep. 1974, p. 1124-1131.

KAWAMOTO, Carlos T. Seu dinheiro em boas mãos. São Paulo: Editora Futura, 2005.

PEREIRA Glória M. G. A energia do dinheiro. São Paulo: Ed. Gente, 2001.

RASSIER, Leandro. Conquiste sua liberdade financeira. Organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar por você. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2010.

ROCHA, R. H.; VERGILI, R. Como esticar seu dinheiro: Fundamentos de educação financeira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ROSS, S.; WESTERFIELD, R.; JAFFE, J. F. Administração financeira. São Paulo: Atlas, 1995.

SILVA, Juliana Tomaz de Lima; SOUZA, Dércia Antunes de; FAJAN, Fernanda Deolinda. Análise do endividamento e dos fatores que influenciam o comportamento de alunos universitários. XII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. São Paulo, 15 f, 2015. Disponível em: <<https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/13722130.pdf>>. Acesso em: 06 de abril de 2018, às 11h:50 min.

SOUZA, Marcos Aguerri Pimenta. O uso do crédito pelo consumidor: percepções multifacetadas de um fenômeno intertemporal. Brasília, DF: UnB, 2013. Dissertação (mestrado em Psicologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

TOLOTTI, Márcia. As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento. Rio de Janeiro, Ed. Elsevier, 2007.

TONI, D.; Larentis, F.; Mattia, A. UM ESTUDO SOBRE A CONFIGURAÇÃO DA IMAGEM DO CONCEITO DE CONSUMO CONSCIENTE, Revista de Gestão Social e Ambiental - RGSA, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 113-128, set./dez. 2012.